



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

CURSO DE JORNALISMO

MATHEUS NUNES FACCIN

LIVRO-REPORTAGEM

NARRADORES DE OURO: UMA CIDADE VIVA NA MEMÓRIA

Orientadora: Prof. Raquel Wandelli, Dra.

PALHOÇA

2019

MATHEUS NUNES FACCIN

LIVRO-REPORTAGEM

NARRADORES DE OURO: UMA CIDADE VIVA NA MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de graduação em
Jornalismo, da Universidade do Sul de
Santa Catarina, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof. Raquel Wandelli, Dra.

PALHOÇA

2019

Dedico esse trabalho às pessoas, que assim como
você, agem naturalmente tornando-se
inesquecíveis.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a colaboração e boa vontade de muitas pessoas e instituições para viabilizar e engrandecer este projeto:

Aos ourenses que de maneira direta ou indireta são a alma do livro, ou seja, seus depoimentos, a acolhida e os momentos épicos vividos em Ouro, deram de forma humana e natural a tessitura das páginas que compõem esta obra. Do mesmo modo, são a garantia da valorização da vida em comunidade.

Ao meu pai, Vitor, que foi meu guia, “tradutor”, ajudante e parceiro durante as entrevistas. À minha mãe, Scylla, que sempre perguntava como estava o andamento do trabalho, fazendo o papel de mãe, preocupada e incentivadora. À minha irmã, Julia, que desde cedo, tem a oportunidade de conhecer de maneira mais aguda e afável a cidade que a acolhe. Enfim, à minha família, que desde o meu início na universidade não mediram esforços para me apoiar e oportunizar meu sonho. E como meu pai diz, “a velocidade das nossas conquistas está no ritmo de nossos planos e ações”. Por isso, só posso agradecer: obrigado por estarmos juntos em mais uma conquista!

À orientadora, Raquel Wandelli pela compreensão, dedicação e amizade, buscando sempre tirar o melhor de mim. Em seu nome, quero agradecer aos demais professores do curso que durante os quatro anos me auxiliaram na conclusão deste trabalho e com seus ensinamentos.

Aos amigos e amigas que se somaram ao longo do caminho de forma especial e verdadeira. E aos demais que o jornalismo e a publicidade me trouxeram, agradeço por terem feito parte destes quatro anos.

RESUMO

As páginas que compõem *Narradores de Ouro: uma cidade viva na memória* nos levam a uma viagem no tempo, guiada por sonhos, fatos, memórias e epopeias de pessoas que construíram uma comunidade com o melhor de si.

O livro revela-se na valorização da memória dos seus habitantes, com o cuidado de fazer uma história do vivido e do narrado pautada pelo zelo na apuração das informações. Procura remover a densa poeira dos tempos esquecidos, dos poucos registros da história de Ouro e eternizar por meio de uma memória de papel, aspectos extraordinários vividos por seus habitantes em tempos passados.

Reconstituir a história de um povo é permitir que a atual e as futuras gerações fortaleçam seus laços com o lugar conhecendo os feitos e o modo de ser de sua gente.

Palavras-chave: Memória de cidade; História de município; Livro-reportagem; Oeste de Santa Catarina; Ouro e Capinzal; Histórias de habitantes de Ouro; Frei Crispim; Religiosidade catarinense; Micro-história; Memória urbana; Histórias de agricultores; Empreendedores catarinenses; Imigração italiana no Oeste catarinense.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA.....	10
3. OBJETIVOS	13
3.1 Objetivos Gerais	
3.2 Objetivos Específicos	
4. RESULTADOS ESPERADOS	14
5. METODOLOGIA	15
5.1. Projeto Editorial	
5.2. Pauta: Eixos Temáticos	
6. ROTEIRIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM	19
7. PROJETO GRÁFICO.....	21
8. PROJETO DE MARKETING.....	24
9. REFERENCIAL TEÓRICO E NARRATIVO	27
10. MEMORIAL DESCRITIVO E AUTOAVALIAÇÃO DO PROCESSO DE REPORTAGEM.....	30
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
12. BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	35

“A vida de uma pessoa não é o que lhe acontece, mas aquilo que recorda e a maneira como o recorda.”

Gabriel García Márquez

1. INTRODUÇÃO

Nas margens do Rio do Peixe

Ouro é um pequeno e pacato município no meio oeste catarinense, que nasceu às margens do Rio do Peixe, rodeado por um vale de muitas histórias, tradição e alegria.

Perfilado pelos traços da imigração italiana, movido pela locomotiva que desenvolve e desbrava uma nova terra, junto com a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul, brotou de pequenas vilas que curtiam as terras férteis no plantio de grãos, em especial a dos trigais “cor de ouro”.

As marcas da colonização italiana perduram até hoje. O sotaque e o dialeto presentes no dia a dia ecoam desde uma conversa ao redor do fogão a lenha até os tradicionais almoços e festas em honra a santos, quando o povo funde em um só momento a confraternização comunitária e a celebração religiosa.

Vidas simples entrelaçam a fé e a devoção, amparadas pelas bênçãos de Frei Crespim, um grande anunciador das palavras de Deus. Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira e mãe das águas, é rainha e protetora dos ourensenses. Singelas capelas se erguem como símbolo de fé e sinônimo de proteção entre as comunidades do município. Esse valor social e religioso resume-se num justo orgulho dos fiéis, propulsor de um compromisso sagrado que é também histórico.

O cantar do galo matinal desperta aos afazeres. Há os que se dedicam ao cultivo das lavouras, outros ao cuidado com os animais. Também os que se deslocam, logo cedo, ao estudo ou ao serviço no centro da cidade.

“Ouro do sol e dos trigais, Ouro dos nossos laranjais. Ouro do jardim colorido, cujo povo unido, faz florir mais e mais.” ¹Ouro, cidade da minha infância e juventude, lugar de tantos momentos e lembranças que alimentaram um sonho de menino. Sonho que se tornou realidade nesta epopeia de memórias de um povo que se inicia aqui com este esforço de reconstituição da história do vivido e do narrado.

¹ Trecho do Hino do município de Ouro/SC.

* * *

Existem inúmeras maneiras de se escrever a história. Enquanto uns se dedicam a destacar os “heróis”, instituições, grandes eventos, indivíduos que também constituem essa história acabam ocultos e suas versões esquecidas. Perde-se aí a parte mais viva da história. Por esse motivo, a valorização das pequenas cenas narradas por seus habitantes, sempre grandes para quem as vive, mobiliza esta série de livros-reportagem *Narradores de Ouro: uma cidade viva na memória*, a partir do primeiro volume aqui apresentado. Eles estão dedicados a fazer uma reconstituição histórica de Ouro, através da narrativa polifônica de moradores e famílias que viveram o processo de formação e desenvolvimento do município de apenas 56 anos.

Esta imersão na narrativa viva da cidade requer compreender o papel da memória individual e coletiva para a reconstituição da história de um lugar. Trata-se de provocar e acionar as lembranças das pessoas, trazendo momentos que já passaram ou que desapareceram da memória oficial. A reconstituição da história dessa jovem cidade não poderia ser feita de outra forma, portanto, a não ser recorrendo às lembranças de quem a viveu, muito mais do que aos documentos oficiais nos quais ela também pode se apoiar.

Este projeto se desdobra em uma plataforma de produtos multimidiáticos voltados à reconstituição continuada da memória de Ouro, que parte de dois volumes impressos de uma série de livros com narrativas sobre a cidade. O primeiro volume está materializado no produto em anexo. Ademais, o volume 1 também deslancha uma série de produtos midiáticos prospectados que serão lançados ao longo de cinco anos, conforme previsto no item 8. Aí se incluem programas de rádio, intervenções visuais, eventos temáticos e exposições que podem se configurar como um projeto permanente de valorização da história viva de Ouro. Já no lançamento do primeiro volume está previsto o anúncio do segundo volume, cuja proposta temática e roteirização é aqui apresentada, conforme detalhado no tópico 6.

O projeto como um todo pode se concretizar numa perspectiva de trabalho profissional a partir de parcerias com o setor de cultura do município e outros setores públicos e empresariais que têm interesse nessa proposta, já preliminarmente discutida.

A vivência coletiva em um lugar origina inúmeras memórias também coletivas, múltiplas e heterogêneas. Recordá-las dá-nos a oportunidade de compreender que todas as histórias de vida em comunidade, seja no meio urbano ou rural, são especiais e relevantes na reconstituição da memória coletiva. Cada momento vivido possui sua beleza peculiar e importância própria. Por isso, a memória é valiosa e sempre digna de registros que a mantenham viva para ajudar esta e as futuras gerações a darem sentido à vida que compartilham e constroem num mesmo lugar.

2. JUSTIFICATIVA

Desde o início da colonização, os imigrantes do município foram atraídos pela possibilidade de cultivar o trigo, tido como um importante cereal na época. O efeito amarelado dos trigais deu origem ao nome do município, Ouro.

O Brasil é um país de cidades novas. Em sua maioria, seus núcleos surgiram no século passado. De acordo com o Atlas Nacional do Brasil durante as décadas de 1950, 1960 e 1990, houve um expressivo aumento na criação de municípios. Em termos percentuais apontam as maiores elevações entre 1950 e 1960 (32%), e entre 1960 e 1970 (30%). Já no período de 1991 a 2000, foram emancipados 1.016, representando um acréscimo de 18% no balanço nacional. Em comparação ao século XXI, a emancipação de novos municípios corresponde a um total de 1%.

Ouro é um desses “novos” brasileiros. A vila que deu origem à cidade ergueu-se no início do século XX no meio oeste catarinense, a mais de 400 km da capital, Florianópolis. Sua história e desenvolvimento são marcados pela chegada dos imigrantes italianos e descendentes vindos da Serra Gaúcha, impulsionados pela construção da Estrada de Ferro que liga os estados Rio Grande do Sul - São Paulo. Instalaram-se no Baixo Vale do Rio do Peixe e formaram pequenas vilas, uma delas, Ouro. Fundada em 20 de outubro de 1906, ficou vinculada administrativa e politicamente ao município de Campos Novos.

O pequeno município às margens do Rio do Peixe passou por vários estágios na sua formação administrativa. Esteve subordinado a três municípios: inicialmente, a Campos Novos, depois Cruzeiro (hoje Joaçaba) e por último a Capinzal,

considerada cidade coirmã no início dos anos 60. Enquanto pertencente a Capinzal, foi beneficiado por grandes obras, visadas como importantes para o crescimento e fortalecimento dessa dupla cidade-distrito. Ambas eram ao mesmo tempo unidas e separadas por uma ponte pênsil, a Padre Mathias Michelizza. Somente anos mais tarde, passaram a compartilhar também a Ponte Irineu Bornhausen, inaugurada em 1952. Compartilhavam a Igreja Matriz São Paulo Apóstolo em Capinzal e o Frigorífico Ouro.

Pela Lei Estadual n.º 870, Ouro é elevado à categoria de município, desmembrando-se de Capinzal em 23 de janeiro de 1963. Instalado como município em 7 de abril de 1963, hoje reúne 7.372 habitantes, 2.528 deles residentes no meio rural e 4.844 na zona urbana, de acordo com o censo de 2010. Sua economia está assentada na produção de frangos, suínos, bovinos, milho, leite e erva-mate, além de pequenas manufaturas e agroindústrias, com destaque para os sistemas associativos.

Ao buscar informações sobre a formação de Ouro em arquivos do acervo municipal e de obras históricas dos municípios aos quais foi subordinado, encontrei apenas esses dados frios, esvaziados de vida e de histórias, carentes de investigação e de subjetividade. Percebi a escassez de fatos que marcam a história e a identidade de Ouro e que compõem o tecido fino da memória.

Cabe aqui lembrar Ecléa Bosi (2013, p.199) para compreender o valor de enaltecer a memória de um lugar: “Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”. Para reconstituir essa memória coletiva, é preciso reunir personagens que possuam uma forte relação com a cidade e sua história, capazes de tecer suas memórias e de evidenciá-las como elementos de formação do sentimento de pertença ao qual se chama comumente de identidade do lugar. Maurício Abreu também enfatiza a importância do registro de memórias:

É através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado (estejam elas materializadas no espaço ou em documentos) e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento) que poderemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro importante para a sua identidade. (ABREU, 1998. p 29).

Assim, não há ninguém melhor a ser ouvido do que os próprios moradores e protagonistas deste município para narrar e costurar em palavras a intensidade de suas experiências fundidas à história do lugar. Se solitárias, as narrativas que eles sustentam não passam de lembranças individuais. Entretecidas, compõem um emaranhado de discursos, abarcam a memória coletiva das pessoas em sua relação com a cidade, do jeito que se busca compor aqui: com vidas interligadas, protagonistas, cenário, emoção, gestos, pequenos e grandes acontecimentos que formam as micro-histórias, miríades que vão compor o grande épico da aventura das comunidades rurais que deram origem às concentrações urbanas.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVOS GERAIS

Constituir e reunir uma miríade história para o município de Ouro baseada no entrecruzamento de narrativas obtidas por depoimentos, relatos, entrevistas, pesquisas. Parte do princípio de que a história é tecida pelos moradores, e não somente pelo que fica estabelecido em documentos oficiais.

Buscar também aspectos extraordinários da trajetória de Ouro vivenciados por seus habitantes e desconhecidos da história oficial, fazendo emergir dessas entrevistas acontecimentos, eventos, cenários e realidades que marcaram e marcam a história desse município.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Oferecer aos habitantes do município de Ouro um livro-reportagem com memórias dos seus antepassados, enriquecidas por imagens e informações contextualizadoras, para que fortaleça a herança cultural para as novas e futuras gerações.
- Compor uma narrativa polifônica, constituída da perspectiva memorial, cultural e sensível das experiências vivenciadas pelos ourenses.
- Provocar, por meio da proposta deste livro-reportagem, um livre debate que resulte no desencadeamento coletivo de memórias dos habitantes de Ouro e de municípios vizinhos. Levar as famílias e a comunidade a recordar histórias desta terra e desta gente sobre fatos vivenciados em comum que estão fadados ao esquecimento.
- A partir deste primeiro volume e da projeção do segundo volume da obra *Narradores de Ouro: uma cidade viva na memória*, propor o desdobramento de um grande e continuado projeto de reconstituição das narrativas de seus habitantes em busca de valorização da memória e da vida na comunidade.

4. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que este projeto sirva como elemento integrador e gerador de histórias do município de Ouro, como uma forma de valorização, integração de gerações bem como de eternização da existência e das realizações de seus cidadãos. Lançada a “pedra fundamental” a partir deste memorial impresso, *Narradores de Ouro: uma cidade viva na memória* tem a potencialidade de se tornar, num processo subsequente, uma plataforma catalisadora e propulsora de produtos culturais, midiáticos e ações voltadas a esse fim.

Por essas possibilidades de desdobramentos futuros, o projeto não se encerra na finalização e publicação do primeiro livro impresso. Espera-se que a sua repercussão e acolhida pela comunidade, colocada como sua coautora, impulsionem as próximas etapas previstas. A partir dele pretende-se arregimentar apoios para buscar lembranças de outros protagonistas que não surgiram neste primeiro volume impresso. Já como um protótipo desse desdobramento, realizei a pesquisa, as entrevistas e o esboço do segundo volume, que vai dar continuidade às narrativas inéditas apuradas, cujos capítulos estão aqui pré-definidos (ver tópico 6) como forma de favorecer e acelerar o trabalho de marketing cultural. Vale lembrar que a elaboração do conteúdo desse segundo volume já está em processo para que se cumpra o lançamento previsto para o próximo ano, entre novembro a dezembro de 2020.

Assim, o projeto prevê inicialmente o lançamento de dois volumes no prazo de um ano que podem se desdobrar em muito outros, assim como desenvolver uma ampla plataforma de produtos culturais, midiáticos e ações voltadas para a valorização da memória coletiva de Ouro.

Publicados, os livros pretendem embasar discussões em palestras, eventos, exposições, com a colaboração e viabilidade de algumas iniciativas, descritas no item “Projeto de Marketing”. Acredita-se que através da expansão e divulgação do projeto, universidades, escolas, instituições, órgãos públicos possam se aprofundar nos resultados e desenvolver programas de incentivo à cultura, zelo histórico e amor às raízes.

Além do mais, acredito que trago uma contribuição enriquecedora para a história do município, favorecendo o registro e a manutenção da memória individual e coletiva e da identificação das pessoas com o lugar. Conforme a sua repercussão,

esse projeto pode ser ainda fonte de inspiração e motivação para outros municípios, não apenas vizinhos, bem como de outras regiões do estado, lançarem projetos semelhantes.

5. METODOLOGIA

Ao prefaciar o livro “Holocausto Brasileiro”, de Daniela Arbex (2013, p.12), Eliane Brum escreve: “O repórter luta contra o esquecimento. Transforma em palavra o que era silêncio. Faz memória”. Partindo disso, o que é necessário para que tais memórias sejam eclodidas e revividas e que não caiam em esquecimento? Tratando-se de um lugar, primeiramente, é necessário delimitar acontecimentos desencadeadores de memórias que vão além de documentos escritos e datas históricas. Esses *gatilhos de lembranças* devem funcionar para o repórter como um método de organização temporal e como forma de abordagem e provocação, capaz de fazer as lembranças emergirem no diálogo com as pessoas entrevistadas. São uma forma de tirar os habitantes da pressurização do presente e desinstaurá-los dos papéis rígidos para transportá-los à infância, ao processo de formação das comunidades interioranas, à relação com as cidades vizinhas, às situações dramáticas vividas na enchente, à perda de um ente querido, só para citar algumas possibilidades.

Como metodologia de trabalho, essa tessitura da memória se baseia no testemunho e fabulação dos moradores para que os tornem também parte do registro histórico da cidade:

A memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram. A importância desse resgate para a identidade de um lugar é inquestionável [...]. (ABREU, 1998. p 25).

Em contraponto à memória oficial, busca-se aqui compor uma narrativa polifônica, que não se limite a reeditar fatos em relatos exaustivos, mas provocar por meio de uma entrevista-diálogo, memórias até então “ocultas” no murmúrio da coletividade.

A jornalista Cremilda Medina (2011, p. 7), em seu livro “Entrevista: O Diálogo Possível”, afirma que o diálogo acontece quando: “Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo”. Para que o diálogo com o repórter e com o público se torne possível, é preciso uma aproximação com os personagens, em que o entrevistado consegue sentir a autenticidade e a emoção da entrevista, tornando a comunicação mais dialógica e ao mesmo tempo mais personalizada e universal.

O fato de morar por 18 anos em Ouro contribuiu para conhecer, mesmo que não profundamente, muitas pessoas. De modo geral, essa familiaridade com o lugar facilitou o mapeamento dos entrevistados. Ao defini-los, estipulei a quantidade de até quatro pessoas ou famílias por capítulo, considerando a relação entre o seu perfil (idade, profissão, vínculo familiar e comunitário, talentos, posição social, comportamento) e os eventos abordados. Por meio de diálogos, podemos produzir relatos sobre situações vivenciadas no processo histórico de formação do município, mas também sobre os pequenos e grandes acontecimentos que marcaram a vida comunitária, normalmente ignorados pela história oficial.

O livro-reportagem (vol.1) se desdobra em 50 páginas, divididas em três capítulos, com histórias que dialogam entre si. Os registros foram feitos com gravador de áudio (*Sony Px240*), obviamente sob autorização prévia de todos os entrevistados, a fim de preservar o conteúdo e a prosódia das falas. Posteriormente, os áudios foram transcritos para, depois serem trabalhados e comporem as narrativas finais.

Os encontros com os habitantes eleitos ocorreram durante o mês de julho, em horários definidos com antecedência e, a princípio, na residência dos entrevistados, a fim de garantir tranquilidade e conforto aos mesmos, mas sobretudo para integrá-los ao seu meio e implicar os aspectos de contexto e cenário nas narrativas.

5.1 PROJETO EDITORIAL

Assunto: Narrativas de lugares

Delimitação do tema: Livro-reportagem com a reconstituição das histórias do município de Ouro a partir das narrativas de moradores e famílias que viveram o processo de formação e desenvolvimento do jovem município, que tem 56 anos.

Objetivo: Constituir uma história para o município de Ouro baseada no entrecruzamento de narrativas de vida, partindo do princípio de que a história são os moradores e não somente o que se estabelece nos documentos oficiais.

Justificativa: (Ver projeto acima - tópico 2).

Abordagem: Evocação e provocação da memória individual e coletiva da cidade a partir do diálogo com habitantes mapeados estimulado pelo que definimos como gatilhos de memória (referência a acontecimentos, períodos ou lugares significativos para os habitantes do lugar).

Levantamento de protagonistas: moradores e famílias que estão há mais de 50 anos no município e participaram do processo de sua formação. Entre eles estão: pequenos agricultores(as) e produtores rurais, políticos, empresários, ex-servidores públicos, professores, participantes comunitários e religiosos, membros de grupos culturais, aposentados e idosos.

Levantamento de imagens: durante as entrevistas foram produzidas ou coletadas também as imagens que compõem o livro. Aproveitei o material fotográfico de arquivo dos entrevistados, instituições e município para inventariar e ilustrar essa memória privada que, dessa forma, passa a ser pública à medida que integra a memória de um povo. Os entrevistados foram fotografados (*Canon PowerShot Sx520 HS*) em situações ou em lugares significativos de sua casa e da cidade para ilustrar o livro em relação aos aspectos mais destacados das suas narrativas.

Formato: O memorial impresso se desdobra em dois volumes impressos em formato 21cm x 29,7cm, subdivididos em três capítulos, com 50 páginas que seguem a roteirização e planejamento gráfico, conforme descrito nos tópicos 6 e 7, respectivamente.

5.2 PAUTA: EIXOS TEMÁTICOS

Gatilhos de lembrança: acontecimentos e elementos desencadeadores de memória a serem apresentados aos entrevistados para provocar lembranças:

- Enchente no ano de 1983;
- Cidade do rio;
- Relação entre as duas cidades Ouro e Capinzal, interligadas por uma ponte;
- Cenário econômico: agricultura, pecuária, indústrias, empresas;
- Cultura: formação do povo (imigrantes predominantes italianos) e manutenção cultural;
- A instalação da Ferrovia Rio Grande do Sul - São Paulo;
- Linguagem peculiar - língua estrangeira dentro da própria língua (mistura de línguas);
- Ponte Pênsil Padre Mathias Michelliza e a Ponte Irineu Bornhausen: o que se passou em cima e em baixo dessas pontes;
- Procissão Nossa Senhora dos Navegantes (história da Santa - padroeira do município);
- A religião como elemento propulsor das comunidades interioranas;
- Histórias de infância;
- Histórias de adolescência;
- Formação das comunidades (famílias pioneiras, capelas, capitéis, comércio, educandários, salões comunitários, festividades, eventos esportivos, abertura das estradas/transporte, produção agropecuária);
- Cenário político: eleições, elevação à categoria de município, políticos, sedes da prefeitura;
- Os cuidados com a saúde;
- Memórias de colégio;
- Oratório Nossa Sra. do Caravaggio;
- Seminário Nossa Senhora dos Navegantes;
- Benzedeiras/Parteiras;
- Neve em 1965;
- Meios de comunicação e troca de informações;
- A convivência e fé de Frei Crespim;

- Dificuldades financeiras das famílias
- Vitórias e perdas ou conquistas e derrotas

6. ROTEIRIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

Paratextos: capa, texto da contracapa, orelhas, prefácio, posfácio, biografia do autor.

Apresentação: A obra nos convida para uma viagem através do tempo. Dividida em dois volumes, ambos com três capítulos cada, permite conhecer algumas facetas que compõem os mais de 50 anos de história desta terra a partir da memória de seus habitantes.

VOLUME 1 (APRESENTADO EM ANEXO)

CAPÍTULO 1 - NO PRINCÍPIO ERA A FÉ: desde a sua colonização, os habitantes de Ouro, quer distrito ou município, cultuavam uma profunda fé cristã, que pode ser considerada como um elo de união comunitário-espiritual. Foi efetivamente por meio da religiosidade que se formaram as comunidades, a partir da construção de capitéis, pequenas capelas em torno das quais surgiram figuras emblemáticas. Este capítulo traz histórias de convivência e fé vividas ao lado de Frei Crespim e da religião como alavanca propulsora da formação das comunidades.

CAPÍTULO 2 - A CIDADE ADULTA E EMANCIPADA: relatos de moradores que viveram o processo de emancipação, por anúncios e rótulos políticos e econômicos da época. A emancipação trouxe fatores influentes e decisivos para o desenvolvimento progressivo e a constituição dos núcleos sociais.

CAPÍTULO 3 - CULTIVAR A TERRA PARA GERMINAR O SONHO: Ouro deve muito às famílias que no passado traçaram os primeiros planos de colonização, desbravando as terras e dedicando-se ao cultivo de grãos e à pecuária. Somados os esforços e a dedicação ao trabalho, esses núcleos familiares foram fundamentais para a geração de riquezas e responsáveis para o progresso da região. Atualmente, as

propriedades rurais sentiram as transformações, investiram em tecnologias e projetos de gestão.

VOLUME 2 (EM PROSPECÇÃO)

CAPÍTULO 1 - FORMAÇÃO CULTURAL: RIQUEZA MAIOR DE OURO: a riqueza e diversidade cultural caracteriza o município de Ouro. Predomina a descendência italiana como a mais tradicional na formação da gente e da cultura trazida pelos imigrantes que chegaram à região. Esse terceiro capítulo destaca o amor à história e ao lugar, os elementos deste arcabouço cultural e o zelo pela manutenção das tradições por meio da música, dança, vestimentas, culinária, linguajar e promoção de eventos.

CAPÍTULO 2 - A ESCOLA E A CIDADE: a educação é mais que uma simples aquisição de saber. Ela propicia o desenvolvimento e a participação comunitária ativa. No princípio, além do baixo número de escolas regulares, membros comunitários e/ou religiosos alfabetizados e que tinham mínima noção didática se voluntariavam para lecionar o ensino básico, em geral, para a idade escolar até a quarta série.

Assim como a realidade de muitos municípios, em Ouro, as atividades educacionais se desenvolveram no mesmo ritmo das comunidades. Com o crescimento populacional e conseqüentemente a formação de núcleos sociais surgiu a necessidade de instituir escolas. O capítulo traz narrativas de alunos, ex-diretores, professores e demais membros do corpo docente e administrativo que participaram da história das escolas ourensens, considerando que a escola é sempre um locus de intensas e significativas memórias.

CAPÍTULO 3 - HISTÓRIAS DA COMUNIDADE: o capítulo leva-nos a lembrar de histórias contadas por nossos avós e pais. Histórias que carregam seus tons curiosos, românticos e inspiradores. Este capítulo se afirma descrevendo como era a vida em tempos passados, transportando o leitor à infância, ao colégio, ao namoro na beira do rio, às festividades comunitárias, às práticas esportivas, aos enlaces matrimoniais ou até, à memória gustativa ou olfativa, ao sentir o cheiro da comida curtindo no fogão a lenha ou na festa da igreja.

7. PROJETO GRÁFICO

O produto apresentado em anexo é um exemplo preliminar do livro e se adequa as descrições abaixo. A diagramação projetada tem o objetivo de proporcionar não apenas uma reportagem atraente, mas também guiar a leitura, destacando determinados pontos, lugares, personagens, detalhes e imagens.

Elementos Gráficos:

Livro-reportagem: tamanho 21cm x 29,7cm.

Elementos externos:

Capa:

Capa dura: 4x0 (colorido por fora);

Papel da Capa: Supremo - gramatura 250g;

Disposição: título ao centro da capa e nome do autor centralizado logo abaixo.

Lombada (ou dorso):

Parte da encadernação que cobre o dorso ou o lombo do livro. Este espaço será utilizado para o título e inclusão do número do volume.

Orelhas:

Parte excedente da sobrecapa, ou da capa, que se dobra para dentro.

Orelha inicial: contará com trecho de algum dos depoimentos do livro.

Orelha final: contará com a biografia do autor e informações sucintas sobre o processo de realização do livro.

Contracapa ou quarta capa:

Capa dura: 4x0 (colorido por fora);

Papel da Capa: Supremo - gramatura 250g;

Disposição: caixa de texto na parte superior com resumo da obra e na base da contracapa a marca da editora.

Elementos internos:**Páginas internas (Miolo) - geral:**

Papel: Couchê Fosco, 4x4 cores – gramatura 150g;

Cor do texto: Preta.

Imagens: Coloridas e com legenda.

Folha de rosto:

Disposição: Nome do autor centralizado no alto da página. Nome da obra centralizado na página e centralizado na parte inferior o local e data de publicação.

Às costas da folha terá a ficha catalográfica de publicação.

Falsa folha de rosto:

Espaço destinado a marca dos parceiros e apoiadores culturais e/ou financeiros. Dispostos um abaixo do outro.

Página de agradecimentos:

Espaço dedicado a um texto de agradecimentos e dedicatórias aos contribuintes para a realização da obra.

Página com prefácio (a definir):

Texto introdutório da obra (livro), onde o prefaciante descreve de forma sucinta o objetivo da obra, sua estrutura e conteúdos, bem como discorre sobre o autor.

Página com sumário:

Enumeração das divisões e capítulos do livro, seguindo a mesma ordem e grafia em que a matéria nele se sucede.

Apresentação:

Texto com o intuito de trazer a essência da obra, instigando os leitores a aventurar-se neste emaranhado de narrativas.

Rodapé:

Na parte inferior esquerda está citado a data e local da respectiva entrevista.

Citações:

Listagem em ordem alfabética de pessoas, acontecimentos e/ou locais citados. Com a finalidade de valorizar, complementar e informar ao leitor sobre as histórias desta terra e desta gente.

Desenvolvimento das páginas:

O livro se divide em três capítulos, subdivididos por narrativas. A abertura dos capítulos se dará com uma folha de rosto, com título e seu respectivo número centralizados.

As páginas de início de uma nova narrativa e apresentação do livro serão divididas em duas colunas. Ao lado esquerdo ficarão o título, linha de apoio e no rodapé a data e local em que as narrativas foram realizadas. Ao lado direito estará disposto o texto.

Na sequência, as páginas adotarão o formato de uma única coluna, ocupando toda a delimitação da página com o texto.

As imagens ficarão na parte inferior ou superior da página, contendo ao lado sua respectiva legenda.

8. PROJETO DE MARKETING

Este livro-reportagem nasceu com o objetivo de ser elemento integrante da memória do município de Ouro e contribuir com a valorização da história dos seus cidadãos. Ele é o produto inicial para desencadear um grande projeto de prospecção mercadológica, já levando em conta o lançamento do segundo volume, capaz de engajar os setores públicos, privados, entidades e pessoas na realização de um projeto permanente de fortalecimento da memória e da vida comunitária. Pode alcançar dimensões e abraçar subprodutos imprevisíveis, que venham as ser propostos em conjunto com a comunidade e as pessoas envolvidas no decorrer da sua realização.

a) Prefeitura Municipal de Ouro juntamente com a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desportos: oferece possibilidades de divulgação da obra em eventos anuais, como a “Festa do Colono”, festividades alusivas ao aniversário do município, display ou ilha com pilha de livros para exposição na Casa do Artesanato e doação de exemplares ao acervo da Biblioteca Municipal Prefeito Ivo Luiz Bazzo e demais escolas.

Está previsto ainda promover uma oficina de jornalismo nas escolas, que traga, de forma prática, elementos básicos para a elaboração da reportagem, a partir da produção de textos, fotografias e vídeos a serem publicados em um veículo virtual (redes sociais ou site) e até mesmo na elaboração de um livro com os resultados. Todas essas atividades devem ser realizadas em conjunto com os professores e em uma dinâmica que envolva famílias e comunidade. De modo geral, a proposta está em trazer a prática jornalística pautada na importância da memória como elemento de formação e desenvolvimento da identidade do lugar em que é compartilhada por um coletivo.

b) Romaria de Frei Crespim: festividade tradicional do município que ocorre no final do mês de agosto no Distrito de Santa Lúcia. A opção seria de integrar a programação com apresentação do livro, momento de autógrafos e doação de exemplares para o Museu Frei Crespim e a E.E.B Frei Crespim, localizados no mesmo distrito.

c) Associazione Piccola Italia Del’ Oro: grupo que zela pela manutenção das tradições italianas em Ouro incentivando a música, dança, culinária, vestimentas, linguajar e eventos. No mês de junho promovem a tradicional “Noite do Queijo e do

Vinho" e durante o ano oferecem aulas de dança italiana para crianças, jovens e adultos e ainda possuem um "grupo cantante". Neste ínterim, a iniciativa é de promover uma intervenção visual em um dos seus eventos, com métodos de desencadeamento de memórias, em especial ao município. Por exemplo, com uma exposição de fotos sobre acontecimentos, datas, locais, recortes noticiosos e, por fim, a apresentação do livro.

d) Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ouro e Associação das Mulheres Agricultoras: fortalecimento do projeto no meio rural e entre as mulheres agricultoras, o que poderá ser acompanhado nos depoimentos dos moradores. As entidades têm a oportunidade de colaborar por meio da divulgação em seus eventos, assembleias e participação em festividades municipais.

e) Cooperativas de Crédito - Sicredi/Cresol/Sicoob/Sulcredi: integrar o livro-reportagem em seus projetos de incentivo à cultura em parceria com escolas, instituições e municípios. A título de exemplo, o programa "A União faz a Vida" da cooperativa Sicredi, que tem como objetivo construir e vivenciar atitudes e valores da cooperação da cidadania e que já está sendo desenvolvido em Ouro, desde 2013.

f) SIMPE - Simpósio Pedagógico: evento educacional de referência estadual realizado pela Escola de Educação Básica Mater Dolorum de Capinzal/SC. Conta com palestras, troca de ideias, shows, apresentações e exposições culturais. Envolve famílias, estudantes, professores, diretores de escolas, pedagogos de estados e cidades vizinhas. Caberia ao projeto do livro disponibilizar display ou ilha de pilha de livros durante o evento, possibilitando a realização de mesa-redonda sobre a temática: "A memória como elemento de formação e desenvolvimento da identidade de um lugar".

g) Editoras (UNISUL/UNOESC/UFS): vinculadas a instituições de ensino - Universidade do Sul de Santa Catarina, Universidade do Oeste de Santa Catarina e Universidade Federal Fronteira Sul - têm como propósito a edição e a divulgação de obras de natureza acadêmica, artística e didático-pedagógica, avaliadas por pareceristas especializados e aprovadas pelo conselho editorial. As obras publicadas são consideradas relevantes para a disseminação do conhecimento, o desenvolvimento cultural, a promoção da cidadania. O propósito é integrá-las às comunidades científica e regional.

h) Imprensa Local (Jornal A Semana/Rádio Capinzal, Rádio Barriga Verde e Rádio Cidade FM): na região meio oeste do estado, nota-se a preferência pelo jornalismo impresso e de rádio para acompanhar as notícias locais e gerais.

Por este motivo, serão formalizadas maneiras de atingir e integrar o público: divulgação do projeto em programa de rádio, destaque em uma coluna no jornal, ser pauta de uma matéria, participação em eventos ou até mesmo em instigar o leitor e ouvinte sobre os textos que estão por vir, por meio de notas, fascículos, depoimentos dos entrevistados, ilustrações e produções multimídias.

i) Agências de sites, startups de tecnologia, programas de jornalismo de dados: possibilidade futura de criação de uma plataforma digital e interativa, como uma espécie de museu virtual e enciclopédia, abrangendo as narrativas, comunidades, narradores, mapas, fotografias, recortes noticiosos, obras, vídeos, sonoras, enfim, uma coletânea de arquivos sobre a história de Ouro. A fim de garantir um fácil acesso e que contribua para o crescimento do meio digital e da informatização na região.

9. REFERENCIAL TEÓRICO E NARRATIVO

- ***A Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs (1950):** o autor define a memória coletiva como um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas por um grupo que transcende o indivíduo. Dá ênfase ao caráter familiar, grupal e social da memória.

Remete também ao fato de que todos são fundamentais para a construção da história e que suas relações de vivência na cidade originam inúmeras memórias coletivas. Essas memórias podem ser bastante distintas umas das outras, mas têm como ponto comum o fato de estarem ligadas à mesma cidade.

- ***A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum (2006):** conjunto de crônicas publicadas no Jornal Zero Hora, no final dos anos 90, que foram reunidas em livro. Busco como inspiração a maneira sensível que Eliane Brum imprime aos seus personagens, que mesmo anônimos, são extraordinariamente reais. Ademais, a metodologia, de buscar acontecimentos que não viraram notícia e de pessoas e suas memórias, que não são celebridades faz todo sentido para este livro-reportagem. O mesmo vale para o seu método de entrevista, que questiona de forma aberta, sem direcionar a resposta, de modo que o entrevistado se sinta à vontade e possa expressar-se de forma natural.

- ***Edifício Master*, de Eduardo Coutinho (2002):** o documentário registra o cotidiano dos moradores do Edifício Master, em Copacabana no Rio de Janeiro. O edifício que dá nome a obra apresenta um rico painel de histórias, marcadas por tons curiosos, trágicos, românticos, inspiradores ou dolorosos. A obra traz o gesto marcante de Coutinho de resgatar o imaginário dos personagens através de perguntas provocativas que facilitem o deslocamento dos entrevistados para tempos diferentes, de modo a acionar regiões esquecidas ou adormecidas da memória. Esta especialidade do autor em acionar a sensibilidade humana e fazê-lo fabular ou autofabular sobre sua vida inspira a metodologia que se vai aqui adotar.

- ***Histórias que ninguém te conta*, de Agência Pública (2019):** as repórteres da Agência Pública emergem na Zona Portuária do Rio de Janeiro para desvendar histórias pouco conhecidas sobre o passado do Rio e do Brasil. Como resultado é o

podcast *Histórias Que Ninguém Te Conta*, que une jornalismo e o resgate de memórias para explorar essa região tão rica de narrativas que ninguém conta.

Cada episódio evidencia ainda mais a valorização da memória e das histórias orais e mostra que as memórias devem emergir a partir do diálogo com as pessoas, dentro do entendimento de que elas recriam os acontecimentos e consequentemente surgem fabulações por meio de suas narrativas.

- ***Larfiagem, de Gabi Bresola (2017)***: o filme conta história da língua criada nos anos 1950 na estação de trem de Herval d'Oeste (SC). Os depoimentos dos principais criadores da língua levam o espectador de volta ao universo particular que criaram quando crianças.

A ideia trazida pela catarinense Gabi Bresola de resgatar traços fortes da identidade local e de elementos formadores da história da cidade mostra por meio do reconhecimento, a importância das memórias para o enriquecimento da herança cultural para as novas e futuras gerações.

- ***Memória e sociedade: lembranças de velhos, de Ecléa Bosi (1999)***: um ensaio polifônico acerca da memória individual e coletiva, que traz a vida dos imigrantes e operários da cidade de São Paulo, elaborado a partir de lembranças importantes de pessoas idosas. Considerado uma fonte preciosa de ensinamentos sobre o mundo do trabalho no Brasil. Bosi destaca que a cidade é um dos elos de indivíduos, famílias e demais grupos sociais entre si, o que mantém as memórias vivas e corrobora para persistirem no espaço.

- ***Mercado Público e suas histórias, de Paulo Clóvis Schmitz e Danísio Silva (2013)***: o livro reúne 30 textos baseados em depoimentos de comerciantes, antigos lojistas, ex-funcionários e fornecedores do Mercado Público de Florianópolis.

É importante destacar, nessa obra, a valorização dos personagens para o ambiente, porém ocultos pela correria cotidiana. Com isso, lembro do texto de Otto Lara Rezende, “Vista Cansada”, quando aconselha: “Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como

um vazio.”. E para fugir deste vazio, busco reunir histórias daqueles que construíram um laço histórico e afetivo aos mesmos lugares e são merecedores de registro.

- ***Narradores de Javé, de Eliane Caffé (2004)***: esse filme trata de um povoado fictício (Javé), que está prestes a ser inundado para a construção de uma hidrelétrica. Assim, para impedir que isso aconteça, os moradores resolvem tentar provar que a cidade possui um grande valor histórico a ser preservado. Dessa forma, os moradores, resolvem escrever sua história. O único adulto alfabetizado de Javé, Antônio Biá, é o encarregado de recuperar a história e transpô-la para o papel de modo a formar as memórias dos moradores.

O filme nos traz a interferência do “repórter” em sua apuração das informações e comprovação da veracidade dos fatos. Permite ainda analisarmos a importância do registro dessas memórias, materializando a história oral e subjetiva, de forma que não fiquem submersas e/ou desvançam. Portanto, pode resumir-se em um aprendizado: bem-aventurado é aquele que transforma a memória em motivo de curiosidade e conhecimento.

- ***O livro amarelo do terminal, de Vanessa Barbara (2008)***: por meio de documentos de jornais e de relatos de pessoas que trabalhavam no local, viajantes e pessoas que aguardavam os ônibus, a autora nos mostra o Terminal Rodoviário do Tietê, em São Paulo, o maior do Brasil. Passou por seis meses percorrendo os corredores, passarelas e portões, apurando artigos e documentos sobre o período de construção do terminal, as idas e vindas da obra, as pequenas reformas antes mesmo da inauguração.

Sua obra abre espaço para a reflexão, que embora um lugar seja um velho conhecido, ainda assim não o conhecemos verdadeiramente. Essa proximidade só se completa quando se buscam trajetórias singulares, pessoas que têm inúmeros “causos” para contar, detalhes que muitas vezes passam despercebidos. Enfim, mostra a importância de dar rostos e nomes ao que se conta, em vez de se ater a generalizações e dados quantitativos e ou de se pautar, apenas, nos documentos oficiais.

10. MEMORIAL DESCRITIVO E AUTOAVALIAÇÃO DO PROCESSO DE REPORTAGEM

Estou prestes a me formar em jornalismo. E para dar sentido à formação de um repórter enquanto pertencente a um lugar, não poderia deixar de entrelaçar o jornalismo à cidade onde cresci e com a qual me sinto afetivamente comprometido na condição de repórter e memorialista. O repórter é um protagonista da modernidade que recebeu a incumbência histórica de testemunhar os acontecimentos e transformações no espaço urbano e nas comunidades. Como repórter-memorialista, assumo perante a minha comunidade a incumbência de reconstituir esses acontecimentos a partir das narrativas de seus habitantes.

Em princípio, havia parado para pensar: quais histórias se passaram pelo município e quem são os narradores de Ouro? Diante disso, me surgiram alguns questionamentos, será que realmente eu conheço a cidade onde morei? Conheço as pessoas que moram em Ouro? Por algum momento, poderia dizer que sim, levando em conta o pensamento lugar-comum, segundo o qual “em cidade pequena, todo mundo se conhece”. Entretanto, na realidade não é bem assim: posso saber o nome delas, os locais que frequentam, onde trabalham ou quantos filhos têm, de fato, informações superficiais que se pode guardar na convivência do dia a dia. Mas, que lembranças elas guardam? Que alegrias e dores relativas à vida na cidade elas carregam em suas memórias, que histórias épicas, tristes ou curiosas se desenrolaram em sua trajetória no município? Enfim, estes questionamentos aguçaram a minha curiosidade de conhecer melhor as histórias da minha terra e da minha gente, e, em virtude dela, de conhecer a mim mesmo.

A partir do momento em que percebi a necessidade da pauta, me empenhei nas pesquisas, dados, na busca de relatos da história oficial, mas principalmente no contato com moradores cuja história se confunde o com a própria história de Ouro.

Logo de início, fui surpreendido pela escassez de informações da história oficial nos próprios materiais que compõem o acervo municipal, que apresentam poucos dados e carência notória de investigação. Entre os documentos disponíveis, encontrei arquivos e obras históricas dos municípios aos quais Ouro foi subordinado. Aliada à escassez de pesquisas, chamou-me atenção a falta de organização e de registro dos fatos que marcaram a história da cidade.

Em relação aos moradores, poderia ter escolhido apenas alguns para dar seu depoimento, no entanto, resultaria em um projeto pobre de informações e não abraçaria as várias facetas da história de Ouro. Assim, a quantidade de até quatro pessoas ou famílias por capítulo versou na reconstituição dos acontecimentos vividos e na maneira como as pessoas os recordam.

A organização estratégica do trabalho em um cronograma de visitas e a boa recepção dos entrevistados contribuíram para realizar todas as entrevistas programadas - abrindo espaço, para outras entrevistas que farão parte do segundo volume. Dessa forma, houve uma otimização do tempo que amenizou a necessidade de deslocamentos, mesmo os de longa distância.

O contato com os moradores-protagonistas foi melhor que o esperado. Os encontros ocorreram durante o mês de julho, programados com antecedência e, em sua maioria, na residência dos entrevistados. O fato de eles “se sentirem em casa” e me fazerem sentir-me em casa também gerou tranquilidade e fluidez aos diálogos, resultando em um melhor aproveitamento da entrevista. Além disso, favoreceu a contextualização dos cenários, a descrição e caracterização dos personagens, bem como do movimento dos protagonistas na cena viva do seu cotidiano. Esses aspectos ajudaram a enriquecer as narrativas dentro da perspectiva de um jornalismo literário que não é focado em fontes e informações esvaziadas da implicação dos gestos, sentimentos e lugares e espero que o seu resultado se faça sentir entre os leitores.

A familiaridade e hospitalidade dos moradores em visitas sempre aproximadas por jantares, almoços, “rodas de chimarrão” e comidas caseiras, alimentaram os diálogos de forma simples e espontânea. Ainda que alguns entrevistados mais introspectivos parecessem receosos ou falassem pouco, todos estavam dispostos a compartilhar suas histórias. No caso específico, de seu Dorvalino, tive que resguardá-lo de interrogatório maior e me contentar com o seu depoimento, em respeito às limitações de saúde. Como ele faleceu logo após o nosso encontro, a forma como eu e minha orientadora decidimos lidar com as lacunas na sua narrativa foi assumir as condições de sua produção perante os leitores e aproveitar ao máximo todas as informações verbais e não-verbais da convivência com o agricultor e seus familiares.

A princípio tive receio de que o gravador intimidasse de alguma forma os protagonistas de pouca lida com equipamentos midiáticos. Contudo, depois de poucos instantes de conversa com os primeiros entrevistados, senti que o tempo passava sem ninguém perceber. E a presença intimidadora do gravador, que em um primeiro

momento parecia um fator de estranhamento, logo foi apagada ou se integrou naturalmente às conversas.

A dificuldade estava em ativar as lembranças dos entrevistados, devido ao fato de muitos não esperarem por tal questionamento ou não registrarem momentos de suas vidas por não proverem de instrumentos de registro, na época, como máquinas fotográficas, gravadores de voz. Outras vezes essa resistência vinha do simples fato de acharem que essas histórias eram acontecimentos banais, desprovidos de interesse maior. Essa dúvida sobre a importância de suas próprias memórias ou inexistência de registros foi trazida pelos próprios entrevistados. Alguns lamentam ter confiado apenas na lembrança e não terem anotado datas dos acontecimentos, guardado fotografias ou aproveitado oportunidades para eternizar os momentos em família e com os amigos.

Por se tratar de diferentes perfis, épocas e assuntos relacionados foi preciso deixar cada pessoa livre, aberta a contar, respeitando a disponibilidade, os limites de cada um e indagando pontualmente sobre sua história oral. Uma vez que cada sujeito tem uma posição diferente em relação à comunidade onde vive, pode-se falar no sentimento de pertença a um lugar que tende a ser fortalecido com esse tipo de memória.

No desenvolvimento dos textos, procurei agudizar todos os sentidos para os ditos e não-ditos, observando, ouvindo, percebendo sentimentos, objetos, gestos, momentos, emoções, contatos, diálogos *em off* que integraram o ambiente e o decorrer do encontro. Essas situações destacam a importância de dar sentido ao verbal e ao não-verbal na experiência de produção da reportagem.

A primeira ideia era de publicar no formato digital e impresso. No entanto, no primeiro semestre deste ano, a partir da discussão sobre o formato a adotar com a banca de qualificação, estabelecemos como prioridade lançar o projeto a partir da publicação do primeiro volume impresso. A decisão se fundamentou na análise das características de consumo e acesso a conteúdo de mídia do público-leitor visado, em geral, idosos, com pouca ou nenhuma familiaridade com os meios digitais. Nos municípios marcados pela vida rural, os veículos tradicionais, como jornais impressos, livros e programas de rádio dominam a preferência do público. Assim, penso que realizei uma vivência intensa, nova e verdadeira, aprendi que cada um possui sua importância própria, que cada vida é especial e merecedora de registro. Espero que o meu encantamento com a realização deste trabalho, sobretudo com o

desenvolvimento das possibilidades narrativas do jornalismo literário na constituição das memórias da minha comunidade, possa ser percebido pelos leitores e resultar em satisfação também para eles. Logo, essa experiência pode ser resumida numa frase do escritor e jornalista uruguaio, Eduardo Galeano:

- A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício. Sobre as memórias da cidade. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L; et al. (Orgs.). **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 25-29.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1. ed. – São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BARBARA, Vanessa. **O livro amarelo do terminal**. 1.ed – São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória da cidade: lembranças paulistanas**. Estudos Avançados, [s.l.], v. 17, n. 47, p.199 abr. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142003000100012>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142003000100012&script=sci_arttext> Acesso em: 07 mar. 2019.

BRESOLA, Gabi. **Larfiagem**. (18min 40s). Herval d'Oeste: OMBU Produção e Magnolia Produções Culturais, 2017.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CAFFÉ, Eliane. **Narradores de Javé**. (1h 40min). Brasil, 2004.

COUTINHO, Eduardo. **Edifício Master**. (1h 50min). Rio de Janeiro, 2002.

Em 67 anos, Brasil criou 3.990 municípios, aponta Atlas do IBGE. G1. 14 dez. 2010. Disponível em: < <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/12/em-67-anos-brasil-criou-3990-municipios-aponta-atlas-do-ibge.html>> Acesso em: 18 mai. 2019

GALEANO, Eduardo. **A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo**. Pensador. Disponível em:<<https://www.pensador.com/frase/NjU1MDIz/>> Acesso em: 07 set. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 1. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HINO de Ouro-SC. SzederLaci. Youtube. 13 nov. 2012. 2min26s. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Gb4Wt_FjZso> Acesso em: 28 fev.2019.

Histórias que ninguém te conta. Agência Pública: Spotify. 10 mai.2019. Disponível em:<https://open.spotify.com/show/2FkTT7FxsPOf6KTxWBO3mJ?si=_KiNReCDQ5GfQ7S2DQzkBQ#_=_> Acesso em: 21 mai.2019.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2011.

OTTO, Lara. **Vista Cansada**. Recanto das Letras. 28/09/2011. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/homenagens/3245242>> Acesso em: 16 abr. 2019.

Panorama Ouro. IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/ouro/panorama>> Acesso em: 20 mar. 2019

SCHMITZ, Paulo. **Mercado Público e suas histórias**. Ed. Autor. Florianópolis: Elbert Gráfica e Editora, 2018.

12.BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

ALMEIDA, Vitor. **Rio Capinzal, a epopeia de um povo**. 1. ed. Capinzal: Kayganguê, 2005.

ALMEIDA, Vitor. **Capinzal: joias desta terra e desta gente**. 1. ed. Joaçaba: Edições Unoesc, 2004.

_____. **Viventes de minha terra**. 1.ed. Capinzal: Palmas, 2004.

COLONIZAÇÃO Município de Ouro-SC. Município de Ouro. Youtube. 17 mai. 2016. 6min36s. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=Srrp1XVvHqY&feature=youtu.be>> Acesso em: 01 mar.2019.

DEBARBA, Ildemar; DEBARBA, Ilse. **Frei Crespim, um grande anunciador da palavra de Deus! E dono de um coração grande e bondoso e cheio de fé!** 1.ed. Ouro: Blumem, 2006.

KONDER, Rodolfo. **A memória e o esquecimento**. 1.ed. São Paulo: Global, 1999.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIQUETTI, Euclides. **Crônicas do vale do rio do peixe e outros lugares**.1. ed. Joaçaba: 2019.

STROPASOLAS, Valmir. “**O mundo rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC**”. p.288. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. 11 abr. 2002.

STROPASOLAS, V. L.; SOUZA, M. C.de; NUNES, K. (Coord.) **Análise socioeconômica e ambiental de Ouro (SC):** um estudo a partir da disciplina de Vivência em Agricultura Familiar. Florianópolis: UFSC, 2018.

VÍDEO Institucional Município Ouro SC. Município de Ouro. Youtube. 17 mai. 2016. 8min52s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U9qVt3bJ7BQ>> Acesso em: 14 ago. 2019.